



# A ideia de compaixão no capítulo II do Bhagavad-Gita

The idea of compassion in chapter II  
of the Bhagavad-Gita

*Marcel Alcleante Alexandre de Sousa\**

UFJF

Recebido em: 06/10/2022. Aceito em: 19/10/2022.

**Resumo:** O Senhor Krsna ensina a seu discípulo Arjuna um caminho pertinente à ação em meio à batalha. O estudo desse discipulado contextualiza-se em meio à leitura do capítulo II do Bhagavad-Gita. Uma palavra chamou atenção no diálogo de Krsna com Arjuna, a saber, o termo “compaixão”. Arjuna estava tomado de compaixão. Dessa forma, por uma pesquisa bibliográfica, caracterizada por uma revisão de textos em Open Access, estaremos nos aproximando desse termo na sabedoria de Vedanta. Para tanto estarei fundamentado nossa apresentação em alguns Upanishads. Reconhecendo, portanto, uma dificuldade para a realização da mesma, mas que o ocorrido é valioso ao significado do termo.

**Palavras-chave:** Filosofia. Religião. Bhagavad Gita.

**Abstract:** Lord Krsna teaches his disciple Arjuna a path pertinent to action in the midst of battle. The study of this discipleship takes place in the midst of reading chapter II of the Bhagavad-Gita. One word caught the eye in Krsna and Arjuna's dialogue, namely, the term 'compassion'. In this way, through a bibliographical research, characterized by a review of texts in Open Access, we will be bringing this term of Vedanta knowledge closer to the Western understanding of compassion. For this we will be basing our presentation on some Upanishads. Recognising, therefore, a difficulty in carrying it out, but that what has occurred is valuable to the meaning of the term.

**Keywords:** Philosophy. Religion. Bhagavad Gita.

\* Doutorando em Ciência da Religião (Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, MG; Bolsista PBPG/PROPP 2022.1/ CAPES 2022.2). Mestre em Ciências das Religiões (Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, PB, 2020). Graduado em Teologia (Instituto Santo Tomás de Aquino, Belo Horizonte, MG, 2014). Graduado em Filosofia (Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande, PB, 2012).

E-mail: marcelalcleante@yahoo.com.br.





## Introdução

É imprescindível considerar para essa pesquisa a escassez de produções acadêmicas no Brasil a respeito da antiguidade da Índia. Mas, aqueles que se especializaram em filosofia indiana, desenvolveram trabalhos relevantes para a pesquisa em torno do tema que aqui nos propomos a apresentar.

Muitas são as dificuldades para um pesquisador desta área no país, seja em função do idioma escrito nas fontes antigas no subcontinente indiano, o sânscrito, seja pela visão viciada de desinteresse pelo oriente, pois, “sendo um produto de forças e interesses políticos, o orientalismo apresenta o Oriente como um sistema de representações dentro de um conjunto de forças que acabaram por introduzi-lo na consciência e na cultura ocidental”<sup>1</sup>. A respeito do que seria o oriente como o outro, o diferente ainda é presente em nosso imaginário, carregando um peso de preconceitos e indiferença em relação a estudos a respeito deste conjunto de civilizações amplamente distintas entre si.

Nossa concepção de oriente abrange, basicamente, qualquer sociedade em que esteja localizada entre Israel e Japão. Uma simples observação a respeito das diferenças culturais entre este grande número de civilizações é suficiente para perceber o quanto o termo é oriundo de uma formação cultural ainda influenciada por esta construção limitada do século XIX, o orientalismo. Por orientalismo entendemos a concepção dominante das perspectivas de linguagem, cultura e sistemas religiosos em relação aos outros.

Reforça-se, com esta pesquisa, a importância de se estudar uma cultura baseando-se em fontes produzidas por ela própria; indo muito além de simplificações e preconceitos estabelecidos por uma visão ocidental do que seria o ideal para uma cultura. Com isso, estimular uma maior compreensão de uma Índia que vá além de telenovelas e de manchetes em portais de notícia tratando sobre a pobreza no país ou coisas superficiais de uma cultura.

Portanto, as considerações realizadas neste estudo tem a pretensão de apresentar e discutir as possibilidades conceituais para se pensar em filosofia indiana em uma fonte antiga, produzida ao longo de séculos na

<sup>1</sup> SANTOS, Héder Junior dos; CHAVES, Luana Hordones. Construindo “eles”: A necessidade de perceber o “outro” em um mundo então “nosso”. *Mediações*, Londrina, v. 16, n. 2, 2011, p. 184.



região do subcontinente indiano. Gerando, com isso, uma maior compreensão a respeito da história desta sociedade, considerando um importante aspecto que documenta sua crença, os textos sagrados e desenvolver as indagações que surgiram na leitura do capítulo II do *Bhagavad Gita*. O conhecido diálogo entre o Sri Krsna e Arjuna.

O *Bhagavad Gita* é um marco na história religiosa da Índia, pois ocasionou um tratado sobre a compaixão. É isso o que estaremos defendendo enquanto tese deste artigo. Tais lições efetivadas, em diálogo, despertam um interesse muito amplo no campo da filosofia, sobretudo diante da seguinte pergunta: que podemos abstrair da ideia de ação compassiva na mensagem do *Gita*, capítulo II?

Nesse momento, rezemos a seguinte invocação para prosseguirmos com a nossa proposta:

*Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente; Que a minha mente se baseie na fala. Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim. Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim. Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim. Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia E noite através deste estudo. Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro; Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro. Que esse (Brahman) me proteja; Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja; Que Ele proteja o orador – Que Ele proteja o orador. Om! Paz! Paz! Paz!<sup>2</sup>.*

A metodologia utilizada neste estudo é o método bibliográfico. Referem-se à pesquisa sistemática baseada em materiais publicados em livros, revistas, jornais e redes eletrônicas que ofereçam *Open Access*. Após selecionar o tema, definir um levantamento bibliográfico preliminar e fichá-lo. Foi elaborado um breve projeto provisório sobre o tema demarcando apenas objetivos, hipóteses e problemática. Isso para poder analisar o problema e a possibilidade de sua investigação.

A pesquisa científica existe em todos os campos da ciência e na educação encontramos algumas publicadas ou em andamento. É o processo científico de resolver, responder ou investigar questões no estudo de fenômenos, temas ou problemas de ordem filosófica. Com isso, Bastos e Keller definem com as seguintes palavras essa atividade acadêmica: a “pesquisa científica é a investigação sistemática de um assunto, destinada a

<sup>2</sup> AS UPANISHADS DO RIGVEDA EM PORTUGUÊS. Traduzidas do inglês para o português por Eleonora Meier, 2016, s/p.



elucidar vários aspectos do estudo”<sup>3</sup>. Ainda sobre essa tentativa de justificar a pesquisa, Gil diz que “a pesquisa é necessária quando não há informações suficientes para responder à pergunta, ou quando as informações disponíveis são muito confusas para serem adequadamente relevantes à pergunta”<sup>4</sup>. A pesquisa científica se apresenta de diversas formas, como seria interessante realizar uma pesquisa de campo no universo/cultura hindu e assim ter mais propriedade para discutir neste artigo o tema aqui proposto. Apesar disso, podemos dizer que esse tipo de pesquisa foi idealizado por diversos autores, entre eles Marconi; Lakatos e Gil; de certa forma, também, pode ajudar a entender um dado a ser conhecido. Estando inserida, primordialmente, em um ambiente acadêmico, visa aprimorar e atualizar o conhecimento por meio de uma revisão bibliográfica.

Essa estratégia hipotética é o ponto de partida para um projeto de pesquisa e, à medida que a leitura avança e o conseqüente amadurecimento do entendimento e dos requisitos da pesquisa, contornos claros vão emergir das mudanças absorvidas. Assim, além do capítulo II do *Bhagavad-Gita*, a pesquisa será realizada em recursos que enfatizem outras fontes de interesse para a pesquisa bibliográfica: referências, artigos e teses, periódicos científicos e resumos. Esses recursos serão utilizados para pesquisa e incluídos na bibliografia. A leitura de partes do material bibliográfico terá como objetivo a verificação de trabalhos de interesse. A partir desse momento, faremos uma leitura analítica do texto selecionado, identificaremos as ideias-chave, categorizá-las-emos e sintetizaremos.

Para Prodanov e Freitas, esse artifício é considerado um método para um fim. No passado, muitos pensadores defenderam que só há uma forma de atender a todos os campos do conhecimento. Eles defendem “uma abordagem de tamanho único”<sup>5</sup>. No entanto, cientistas e filósofos da ciência defendem muitas outras abordagens. Esses métodos devem ser utilizados consoante conteúdo a ser estudado e a classe de proposições. Para Marconi e Lakatos, porém, é o conceito moderno de método que importa. Para tanto, o autor “pensa, como Bunge, que o método científico

<sup>3</sup> BASTOS, Cleverson L.; KELLER, Vicente. *Aprendendo a aprender*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 53.

<sup>4</sup> GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 17.

<sup>5</sup> PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 24.



é a teoria da investigação”<sup>6</sup>. O método é, na verdade, uma construção para se chegar a conquista de um fim, neste caso, fazer ciência com um texto antigo e tão atual. Sem um método a pesquisa fica deficiente e sem bases para outros assim fazerem o caminho e questionar aonde se chegou, propondo, portanto, novas hipóteses e soluções para essa investigação.

A pesquisa qualitativa discute as descobertas por meio de análises e percepções. Antes de tudo, devemos descrever o problema, geralmente há explicações mais subjetivas, como: sentimentos, pensamentos, opiniões, sentimentos, visões. Nesse processo de pesquisa acadêmica, os números não são buscados para constituir resultados válidos, mas sim uma compreensão das trajetórias que causam problemas no trabalho. É por isso que se baseia no que chamamos de profundidade de dados imensuráveis. Isso ocorre porque os resultados da pesquisa qualitativa se concentram nas opiniões dos entrevistados. Na pesquisa qualitativa os alunos são tanto o sujeito quanto o alvo de sua pesquisa. Isso porque o conhecimento deve ser parcial e limitado, pois a pesquisa é imprevisível. Portanto, os resultados devem conseguir gerar novas informações.

Por fim, de forma mais sofisticada, as leituras serão interpretadas, inter-relacionadas e pesquisadas sobre o problema a ser resolvido, solidificando raciocínios e argumentos baseados em elementos bem definidos. Assim, uma abordagem da pesquisa bibliográfica por meio da leitura de materiais selecionados partirá da organização lógica do assunto, garantindo uma abordagem progressiva e equilibrada da redação do texto, para depois passar para o formato mais consolidado para uma análise aprofundada do texto, algumas mudanças de paradigma e, o mais importante, o conhecimento do assunto.

## 1 Ensinos da compaixão na Tradição Vedanta

Tal tentativa hermenêutica reconhece que os diálogos que constituem os *Upanishads* resultam de uma conduta sábia e guiada pela força do Absoluto. Dessa forma, ao resgatar algumas citações desses ensinamentos, estaremos defendendo que a compaixão está na sabedoria de Vedanta, na atitude de um praticante de seus princípios. Passemos a destacar alguns caros versos que, assim, podem nos auxiliar em nossa defesa.

<sup>6</sup> LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 84.



## 1.1 Do Livro I d'O Mahabharata e Capítulo 2 do Bhagavad-Gita

O guerreiro Arjuna do diálogo com Sri Krsna em *O Bhagavad Gita* aparece no *Sambhava Parva* do grande épico da Índia, *O Mahabharata de Krishna-Dwaipayana Vyasa*. Dessa obra destacamos o verso 135, o qual apresenta o ensinamento de Drona a Arjuna. Tais ensinamentos acerca do uso do arco e da flecha apontam para uma compreensão significativa do conceito de ação compassiva na filosofia indiana.

Nas palavras do *Mahabharata*:

*Tu não deves, no entanto, usá-la contra um inimigo humano, porque se for lançada em algum inimigo de energia inferior ela pode queimar o universo inteiro. É dito, ó filho, que esta arma não tem rival nos três mundos. Mantém-na, portanto, com grande cuidado, e escuta o que eu digo. Se, ó herói, qualquer inimigo não humano lutar contra ti, tu então poderás usá-la contra ele para conseguir sua morte em batalha*<sup>7</sup>.

Impregnada por uma linguagem bem específica, levantamos a hipótese que os ensinamentos perpassam pela cautela quanto ao uso dos instrumentos de ferimento e morte aos humanos. Drona infere um ensinamento de *karmayoga*. Suas palavras edificam o agir do ser humano com compaixão. Em relação ao não-humano, Drona, está dizendo que o guerreiro pode usar o arco e a flecha para vencer a batalha. Essas palavras constituem a verdade sobre um arqueiro, pois consiste em discernir para atingir o alvo e não atingir para depois discernir, já que estamos falando de uma atitude adequada.

Este verso traz o diálogo de Arjuna com Drona, mas comparado ao capítulo 2 do *Bhagavad-Gita*, temos Arjuna perguntando a *Krsna*: “como posso lutar, no campo de batalha, com flechas contra *Bhisma* e *Drona*, que merecem respeito, ó Arisudana [*Krsna*]?”<sup>8</sup>. É diante dessas palavras que foi traçado aquela hermenêutica acima. O *Gita* tem uma característica marcante quanto ao respeito. A atitude “manchar de sangue” é inadequado e não é um caminho saudável a consciência humana. Essa atitude que outrora estava inebriada de bons sentimentos da parte de Drona para com Arjuna, agora no *Gita*, retoma trazendo os fins do ensinamento em reta atitude. Percebamos que essas palavras denotam uma

<sup>7</sup> O MAHABHARATA DE KRISHNA-DWAIPAYANA VYASA (135). [PDF], s/a, s/p.

<sup>8</sup> BHAGAVAD-GÍTĀ (4). Tadução de Glória Arieira. Rio de janeiro: Vidya-Mandir, 2009.



filosofia. Embora para K Perumpallikunnel, em seu artigo *Discernment: the message of the Bhagavad-Gita*, a partir do seguinte pensamento, a saber, “O *Bhagavad-Gita* é completamente prático e livre de qualquer ginástica intelectual, ou vaga, filosofia abstrata”<sup>9</sup>, mesmo assim, inferimos esse posicionamento como uma atitude sabia e que, portanto, muito está relacionado à filosofia/ ao discernimento. Pode até ser que tal pretensão se afasta da ideia original da proposta do *Gita*, mas não custa nada apostar em tal possibilidade hermenêutica.

Ainda, o mesmo autor e artigo diz que:

*No entanto, uma vez que é a expressão do próprio Deus encarnado, o Bhagavad-Gita é aprovado como parte do shruti (ouvido/revelado: Vedas e Upanishads) e é frequentemente chamado de Gitopanishad. De acordo com seus devotos, o Bhagavad-Gita é a essência do conhecimento védico e um dos mais importantes Upanishads da literatura védica*<sup>10</sup>.

As palavras inferidas demonstram quão importantes é a obra. Não só no âmbito da cultura Vedanta, mas para o conhecimento filosófico. Rer o *Gita* a partir de metodologia filosófica é apropriar-se dos conceitos daquela cultura e torná-los universais. Como essência, salientamos que a literatura aponta para um princípio a ser praticado não só pelos devotos do Senhor *Krsna*, mas pela pluralidade, pois tais ensinamentos estão ancorados em um saber que une as divindades aos seres humanos. Nesse processo de união/caminho a compaixão é um conceito que merece ser destacado. Defendemos que a compaixão é uma atitude para a disposição. Drona ensina a compaixão a Arjuna e Arjuna dá conta que é preciso agir, também, assim.

Desse modo, no *Gita*, capítulo 2, lemos uma sabedoria que se faz presente nas palavras de *Krsna* e Arjuna. O coração do guerreiro não pode prejudicar a outrem. É preciso evoluir e não se apegar ao material.

<sup>9</sup> Segue a citação em seu idioma original: “The Bhagavad-Gita is thoroughly practical and free of any intellectual gymnastics, or vague, abstract philosophy”. PERUMPALLIKUNNEL, K. *Discernimento: a mensagem do Bhagavad-Gita. Acta Theologica*, Bloemfontein, v. 33, n. 17, p. 275, 2013. A tradução no idioma português é nossa.

<sup>10</sup> Segue a citação em seu idioma original: However, since it is the utterance of the incarnated God Lord Krishna himself, the Bhagavad-Gita is approved as a part of shruti (heard/revealed: Vedas and Upanishads) and is often called Gitopanishad. According to its devotees, the Bhagavad-Gita is the essence of the Vedic knowledge and one of the most important Upanishads in the Vedic literature. (PERUMPALLIKUNNEL, 2013, p. 271-272). A tradução no idioma português é nossa.



## 2 Sentar perto para aprender o reto caminho

*Os Upanishads* constituem um grandioso ensinamento de Vedanta. “As mais antigas escrituras da Índia, e as mais importantes, são os Vedas. Todos os hindus ortodoxos reconhecem neles a origem da sua fé e o seu texto escrito mais autorizado”<sup>11</sup>. Pensar a etimologia *Upanishads* (उपनिषद्) é o mesmo que adentrar da sabedoria dos escritos. Pois, a busca pelas palavras que constituem o termo, apesar da dificuldade com o sânscrito, pode assim ser resumida<sup>12</sup>: “upa” que diz daquilo que está próximo; “ni” que transmite a ideia de claro, por fim, o termo “shad” que está relacionado a conhecimento<sup>13</sup>.

De modo sintético podemos recordar o termo e dizer que:

*O significado literal de Upanishad, “sentando perto devotadamente”, traz à mente, de modo pitoresco, um discípulo dedicado aprendendo com seu mestre. A palavra também significa “ensinamento secreto” secreto, sem dúvida, porque um ensinamento só é outorgado àqueles que estão espiritualmente prontos para recebê-lo. Outra interpretação ainda é fornecida pelo grande comentarista do século XVII, Shankara: conhecimento de Deus “o conhecimento de Brahman, o conhecimento que destrói os laços da ignorância e leva à meta suprema da liberdade”<sup>14</sup>.*

Essas palavras falam de modo bem explícito e estão no lugar em que Arjuna se encontra: em posição de discípulo. Apesar dessa releitura, podemos dizer que essa filosofia é de grande valia para os estudos sobre o sagrado. É necessário conhecer tal sistema para então falar de seus símbolos e forma de crença. Os *Upanishads* tratam de um conhecimento/sabedoria de Vedanta. Esse termo denota o sistema filosófico enunciado nos *Upanishads*: conhecimento que eleva a liberdade suprema.

<sup>11</sup> UPANISHADS: SOPRO VITAL DO ETERNO, p. 6.

<sup>12</sup> O termo upanishad, de modo essencial, é “[...] composed of three Sanskrit syllables – ‘up’ (pronounced as in full + pen), ‘ni’ (as in none + if) and ‘shad’ (as in shun + then). (a) The word ‘up’ means ‘come near, sit down, benevolent, worship, destroy, cure/remedy, to be free from disease or fault, enjoy, without hindrance’. (b) The word ‘ni’ means ‘not, night, darkness, ignorance, special, and complete or full’. (c) The word ‘shad’ means ‘6 schools of thought, knowledge; to teach, to learn, to calm down, to destroy’”. THE MAHAVAKYAS of the UPANISHADS. Tradução de Ajai Kumar Chhawchharia. Chapter 1: The upanisads, p. 10. A tradução no idioma português é nossa.

<sup>13</sup> Para apresentar essa palavra foi lido o texto *INTRODUÇÃO ao estudo das Upanishads* que está em Yoga Pro Br. Disponível em: [www.yoga.pro.br/introducao-ao-estudo-das-upanishads/](http://www.yoga.pro.br/introducao-ao-estudo-das-upanishads/). Acesso em: 11 ago. 2022.

<sup>14</sup> UPANISHADS: SOPRO VITAL DO ETERNO, p. 6.



Ainda sobre essa busca pela compreensão da sabedoria, são considerados pelo *Centro Ramakrishna Vedanta* como:

[...] método que nos possibilitam buscar Deus de acordo com nossa própria tendência individual, por meio de uma combinação harmônica de meditação (*Raja-Yoga*), ação inegoísta (*Karma-Yoga*), devoção a Deus (*Bhakti-Yoga*) e discernimento (*Jnana-Yoga*)<sup>15</sup>.

O método Vedanta aproxima o ser humano a Deus. Essa sabedoria, então, não está desvinculada do (Raja)-(Karma)-(Bhakti)-(Jnana)-Yoga. O Vedanta veio para formar a base sobre a qual o hinduísmo moderno foi construído a partir da descoberta dos *Upanishads* pelo ocidente. Neste caso, marcou época, pois a sabedoria dos *Upanishads* influenciou conceitos de diferentes pensadores, como, por exemplo, a doutrina da vontade e da representação de Arthur Schopenhauer. Sobre isso, a dissertação de Roberto Pereira Veras apresentada em 2015 na Universidade Federal da Paraíba, no programa de Ciências das Religiões, infere esta ideia sobre a influência de tais escritos. Assim, “o que podemos afirmar é que em diversos momentos, e escritos póstumos, Schopenhauer menciona referências a conceitos oriundos do mundo clássico indiano”<sup>16</sup>.

Quando lemos com atenção os *Upanishads* descobrimos muitas verdades, coisas profundas e que contrastam a mesquinhez do pensamento ocidental. Por isso, não se pode ler os textos mais antigos da Índia com uma cabeça fora desse contexto. Mesmo que o termo compaixão, pouco ou quase não defendido em ensaios acadêmicos, o *Gita*, embora, apenas poucas vezes, o apresenta. No primeiro capítulo, verso 27, a palavra aparece com essa entonação que aqui transcrevemos: “Com a visão de toda sorte de amigos e parentes para que o Senhor Krishna assim o ouvisse palavras a isto atinentes, Arjuna então disse enquanto dominado por indizível compaixão”<sup>17</sup>. A compaixão é um conhecimento para a liberdade. Faz parte, pelo que podemos inferir, do discipulado. Aprender a compaixão é integrar o saber dado pelo divino.

<sup>15</sup> O QUE É VEDANTA? Centro ramakrishna vedanta. Disponível em: [www.vedantacuritiba.org.br/o-que-é-vedanta](http://www.vedantacuritiba.org.br/o-que-é-vedanta). Acesso em: 15 ago. 2022.

<sup>16</sup> VERAS, Roberto Pereira. *Schopenhauer e os Upanishads: vontade e representação na tradição indiana*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015, p. 96-97.

<sup>17</sup> Bhagavad-Gita (27). In: BRAGA, Thiago Costa. *A poesia do ser supremo: uma tradução em verso do Bhagavad-Gita*. São Paulo: Sankirtana Books, 2014.



Chama atenção esse sistema aos quais tenha sido lentamente, elaborado pelos pensadores da Índia há milhares de anos, mas que se apresentam bem estruturados e com um pensamento sólido e com uma praticidade recomendável. Reconhecemos, com isso, que o sistema filosófico indiano nos *Upanishads* trouxe uma abordagem antropológica e literária, além de vasta, com possibilidades de diferentes diálogos. O ato de sentar-se perto de seu mestre é a atitude de um amante do saber. É através desse sistema que o discípulo aprende o autoconhecimento. Como razão de estarem no mundo, os ensinamentos, em sua maioria, devem ser mantidos como segredos, com isso, bem guardados na razão. Ocupando, assim, um lugar de destaque no pensamento Vedanta. Os grandes mestres da Índia carregaram consigo essa cultura viva. Eles assumiram essa atividade de memória e transmissão. Vale ressaltar que nesses escritos, seus números ultrapassam de duzentos ensinamentos.

### 3 Declarações acerca da sabedoria de Vedanta

Havemos de concordar que um breve olhar em alguns *Upanishads* é necessário para estabelecer uma reta compreensão do termo compaixão que assim estamos defendendo e que se apresentaram no *Gita*. Mas, antes disso, convém perguntar: a compaixão é um conhecimento? Para responder a tal questionamento, tradicionalmente, convém ressaltar que “Os *Upanishads* representam a mais alta cidadela da evolução filosófica da espécie humana”<sup>18</sup>. Com isso, ao falar dos *mahavakyas*, queremos resgatar o conhecimento dos Vedantas e procurar dar conta do nosso entendimento. Assim, eles proclamam, em poucas palavras, as mensagens dos *Upanishads*. Que seria o *mahavakya*?

O MAHAVAKYA (singular; pronunciado como MAHĀVĀKYA; Mahaa-vaakya) é os grandes “Ditos e Proclamações Espirituais universais dos *Upanishads* que são as verdades profundas e absolutas”. Elas são as verdades irrefutáveis e últimas proclamadas pelo *Upanishads*. Eles são as grandes declarações, os mandamentos divinos, os axiomas e máximas incontroversas dos Vedas e dos *Upanishads*; resumem a essência de seus ensinamentos<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> The *Upanishads* represent the highest citadel of philosophical evolvement of human kind. (THE MAHAVAKYAS Of the UPANISHADS: Chapter 1, p. 12). A tradução no idioma português é nossa.

<sup>19</sup> The “MAHAVAKYA” (singular; pronounced as “MAHĀVĀKYA”; Mahaa-vaakya) is the great “universal Spiritual Sayings and Proclamations of the *Upanishads* that are



Para falar de sabedoria na filosofia indiana, o pesquisador ao menos precisa ter uma noção dos que seja o *mahavakya*. De modo didático, este quadro apresenta em proposições o conteúdo a que se referem tais ensinamentos.

प्रज्ञानम् ब्रह्म	A Consciência é o Absoluto
ब्रह्म महावाक्य	A alma é o Absoluto
तत्त्वमसि	Tu és isto
अहम् ब्रह्मास्मि	Eu sou o Absoluto

As quatro afirmações, enquanto elementos constituintes da filosofia entre os hindus se encarregam de aproximar o pesquisador ao conceito de consciência. Para isso, é importante, ainda, destacar que:

*Os órgãos dos sentidos tampouco são capazes de nos dar autoconhecimento. Eles servem para nos dar informação sobre o ambiente em que vivemos, mas não conseguem revelar para nós o Ātma que somos. Nem o banho no sagrado Ganges é capaz de nos dar autoconhecimento, assim como tampouco nenhuma ação de caridade ou serviço à sociedade pode nos dar autoconhecimento<sup>20</sup>.*

Tal investigação reconhece que está na consciência o ponto culminante para se conhecer. Tendo em vista que, os *Upanishads* desenvolveram a ideia de que o núcleo interior do ser humano é o mesmo que a verdade por trás das aparências. A consciência do ser humano não consegue dar conta de descrever ou definir o Absoluto. Deve ser por isso que o termo “*NETP*” diz de tal limitação e também considera que os órgãos dos sentidos impossibilitam, em sua profundidade, o autoconhecimento. Tendo essa concepção em mente, o que estava acontecendo com Arjuna? Ao estar tomado de compaixão, ele não estava desejoso de enxergar a verdade? Pode ser que a ideia de impessoalidade no que diz respeito aos sentidos e a consciência seria

---

profound and Absolute Truths”. They are the irrefutable and ultimate truths proclaimed by the Upanishads. They are the great declarations, the divine commandments, the spiritual tenets, and the incontrovertible axioms and maxims of the Vedas and the Upanishads which are Absolute Truths, and they sum up the essence of their teachings. (THE MAHAVAKYAS Of the UPANISHADS: Chapter 2, p. 20). A tradução no idioma português é nossa.

<sup>20</sup> ŚRĪ RĀMAGĪTĀ. Tradução comentada baseada nos ensinamentos de Swāmi Paramārthānanda. 2019, p. 31.



a via para o saber e que tanto Arjuna estaria encaminhado em seu estado. Deve ser por isso, que no *Gita* encontramos: “eu dominado por covardia, com a mente incapacitada para decidir o que é certo ou errado, peço-lhe: definitivamente ensine-me aquilo que é melhor para mim”<sup>21</sup>. Diante dessas palavras o leitor passa a entender que diante dos órgãos dos sentidos ou a consciência, a impessoalidade se apresenta como uma prece ao Absoluto. Que seja ensinada a verdadeira compaixão. Que o senhor Absoluto ensine como proceder. É necessário, então, abandonar os desejos que levam ao apego<sup>22</sup>. Diante disso, defendemos a concepção de que a compaixão presente nos *Upanishads* denota ação. Arjuna é tomado não só pelo sentimento, mas uma memória que o inibe, o faz pensar em agir corretamente, a qual é denominada de autoconhecimento. Sendo assim, seus sentidos e a sua consciência inferem nessa ação.

## Conclusão

A conjuntura das publicações em torno da temática são escarvas em língua portuguesa. Concordamos que isso dificultou o bom andamento das pesquisas. Apensar disso, o diálogo acerca do autoconhecimento do Capítulo II do *Bhagavad-Gita*, além de tratar, de uma prática, traz um conhecimento de uma tradição filosófica milenar.

Os *Upanishads*, enquanto saber, apresentam aos nossos dias respostas às indagações, inquietações próprias do homem ocidental. Uma dessas inquietações é a compreensão da palavra compaixão. As influências, com isso, tentaram apresentar que a compaixão no contexto do autoconhecimento.

Diante disso, reconheceu-se que o Vedanta é verdadeiramente uma ciência da realidade, da consciência e da plenitude. Com esse ponto de partida, Krsna e Arjuna apresentam um discernimento entre o ser nas batalhas e, também, o não-ser. Uma problemática que se mistura entre as emoções, mas, evidenciando pela luz dos deuses.

Concluamos, portanto, com as sílabas que dizem acerca da consciência: “Om, Hrim, Om, Hrim”.

<sup>21</sup> BHAGAVAD-GĪTĀ 2:7.

<sup>22</sup> BHAGAVAD-GĪTĀ 2: 71.



## Referências

AS UPANISHADS DO RIGVEDA. [PDF]. Disponível em: <https://ia800707.us.archive.org/33/items/AsUpanishadsDoRigvedaEmPortugus/As%20Upanishads%20do%20Rigveda%20em%20português.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BASTOS, Cleverson. L; KELLER, Vicente. *Aprendendo a aprender*. Petrópolis: Vozes, 1995.

BHAGAVAD-GĪTĀ (capítulo 2). Tradução de Glória Arieira. Rio de Janeiro: Vidya-Mandir, 2009.

BRAGA, Thiago Costa. *A poesia do ser supremo: uma tradução em verso do Bhagavad-Gita*. São Paulo: Sankirtana Books, 2014.

O QUE É VEDANTA? Centro ramakrishna vedanta. Disponível em: <https://vedantacuritiba.org.br/o-que-é-vedanta>. Acesso em: 15 ago. 2022.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

O MAHABHARATA DE KRISHNA-DWAIPAYANA VYASA. [PDF]. Disponível em: <https://ia800709.us.archive.org/15/items/OMahabharata01AdiParvaEmPortugus/O%20Mahabharata%2001%20Adi%20Parva%20em%20Português.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PERUMPALLIKUNNEL, K. Discernimento: a mensagem do Bhagavad-Gita. *Acta Theologica*, Bloemfontein, v. 33, n. 17, p. 271-290, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Héder Junior dos; CHAVES, Luana Hordones. Construindo “eles”: A necessidade de perceber o “outro” em um mundo então “nosso”. *Mediações*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 177-192, 2011.

ŚRĪ RĀMAGĪTĀ. Tradução comentada baseada nos ensinamentos de Swāmi Paramārthānanda. 2019. Disponível em: [www.yoga.pro.br/ramagita-a-cancao-de-rama-swami-dayananada/](http://www.yoga.pro.br/ramagita-a-cancao-de-rama-swami-dayananada/). Acesso em: 18 set. 2022.

THE MAHAVAKYAS Of the UPANISHADS. [PDF]. Disponível em: <https://ia903408.us.archive.org/24/items/15-the-mahavakyas-of-the>



-Upanishads-the-great-spiritual-truths\_202101/15%3DThe%20MAHA-VAKYAS%20of%20the%20Upanishads-The%20Great%20Spiritual%20Truths.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

UPANISHADS: SOPRO VITAL DO ETERNO. [PDF]. Disponível em: <https://vdoc.pub/documents/os-Upanishads-sopro-vital-do-eterno-425967b70tk0>. Acesso em: 11 set. 2022.

VERAS, Roberto Pereira. *Schopenhauer e os Upanishads: vontade e representação na tradição indiana*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7890/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 4 set. 2022.

INTRODUÇÃO ao estudo das Upanishads. Yoga Pro Br. Disponível em: [www.yoga.pro.br/introducao-ao-estudo-das-Upanishads/](http://www.yoga.pro.br/introducao-ao-estudo-das-Upanishads/). Acesso em: 11 ago. 2022.